

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO,
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Elisângela Pires

**CARTAS AUTONARRATIVAS E O DESAFIO DA GESTÃO DO
TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santa Maria, RS
2016

Elisângela Pires

**CARTAS AUTONARRATIVAS E O DESAFIO DA GESTÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

Orientadora: Maria Talita Fleig

Santa Maria, RS
2016

Elisângela Pires

**CARTAS AUTONARRATIVAS E O DESAFIO DA GESTÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

Aprovado em 23 de setembro de 2016.

Maria Talita Fleig, Me. (UFSM)

(Presidente/ Orientador)

Eulália Beschorner Marin, Ms. (UNIJUI)

Kelly Werle, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2016

RESUMO

CARTAS AUTONARRATIVAS E O DESAFIO DA GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORA: Elisângela Pires
ORIENTADORA: Maria Talita Fleig

Este trabalho traz uma reflexão através de cartas autonarrativas sobre os desafios da gestão do trabalho pedagógico na Educação Infantil, pela via do olhar da gestão, que projeta caminhos para serem percorridos pelo grupo e registra o percurso através de cartas, procurando responder as questões quanto ao processo de qualificação do fazer docente e da equipe de gestão, que perpassa um processo subjetivo e completamente singular. Pensar como este processo acontece e mapear o percurso de como me constituo gestora e como este processo acontece com os professores é complexo e intenso. Perpassa a intencionalidade da gestão e a disponibilidade de pensar da equipe? Do entendimento teórico à descolonização do fazer pedagógico? Da construção do sujeito professor através da vivência de valores? Para delinear um percurso investigativo parte-se das proposições da gestão nas formações e conversas no cotidiano da escola, registros orais das professoras que constituem as cartas dentro de um processo autonarrativo, selecionadas para compor esse trabalho, tendo como embasamento teórico BENJAMIN (1994), BONDÍA (2002) e OLIVEIRA-FORMOSINHO (2002).

Palavras-chave: Gestão. Formação de professores. Registro. Cartas autonarrativas.

ABSTRACT

LETTERS AUTONARRATIVAS AND THE CHALLENGE OF MANAGING THE WORK PEDADÓGICO IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

AUTHOR: Elisângela Pires
ADVISOR: Maria Talita Fleig

This work brings a reflection through letters self narratives on the challenges of managing the pedagogical work in early childhood education, through the eyes of management, designing paths to be traversed by the group and records the route through reflective letters, trying to answer the questions about the qualification process of teaching and the management team, which is a subjective process and completely unique. Think how this process happens and map the route you constitute Manager and how this process happens with teachers is complex and intense. Passes by the intention of management and the availability of think of the team? Theoretical understanding on the decolonization of teaching? The construction of the subject teacher through experience? To outlining an investigative path part of the propositions of management training and in everyday conversations, BENJAMIN (1994), BONDÍA (2002) e OLIVEIRA- FORMOSINHO (2002), oral records of school teachers that form the letters.

Key words: Management. Teacher training. Registrations. Self narratives letters.

SUMÁRIO

1 PARA COMEÇAR.....	7
1.1 DESCOBRINDO CAMINHOS INVESTIGATIVOS	16
1.2 NOSSO GRUPO.....	23
2 CARTAS AUTONARRATIVAS.....	27
2.1 CARTA 1 – FEVEREIRO/2016	28
2.2 CARTA 2 – MARÇO/2016.....	29
2.3 CARTA 3 – MARÇO/2016.....	30
2.4 CARTA 4 – ABRIL/2016.....	32
2.5 CARTA 5 – ABRIL/2016.....	34
2.6 CARTA 6 – ABRIL/2016.....	34
2.7 CARTA 7 – JUNHO/2016.....	37
2.8 CARTA 8 – JULHO/2016	39
2.9 CARTA 9 – JULHO/2016	40
3 CARTA AUTONARRATIVA, ORA, FINAL	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 PARA COMEÇAR

Nada no mundo tem apenas um lado e raras são as situações, fatos ou pessoas que possuem apenas uma história. Tudo tem outros jeitos, outros olhares, outras faces, e muitas outras formas de ser olhado, visto, contado ou narrado. Por isso compartilho do escrito por Cléo Busatto (2012, p. 09), em seu Manifesto do Contador de História que diz: *“Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar”*.

Mesmo que eu tente contar uma história ou ‘tecer os fios’ de como me tornei o que sou, ainda é apenas uma história, pois quem viveu cada momento de uma vida que nunca vivi sozinha, há de querer contar a história do que presenciou, ou assistiu. Cada qual com suas percepções, emoções, ansiedades, reprovações, admiração, simplesmente com o que lhe foi significativo. O fato é que a maneira de contar a história de como me tornei professora, educadora, pesquisadora é particular, de contadora de histórias.

Dessa forma, ao ler as linhas que seguem, terão a minha visão dos fatos tecidos em uma teia particular e fique a vontade para tecer sua própria teia, com seus pensamentos, suas percepções, pois cada coisa que pensamos é particular e privada às nossas reflexões.

De quantas histórias é feita uma vida? Quantas histórias são necessárias para descrever alguém?

Lá onde o vento faz a curva, onde a coruja senta e pia, onde a sanga corre mansa e o gado rumina... foi lá!

[...] No interior de Linha Gramado, Panambi, que constitui e de onde trago minhas primeiras memórias, dentre elas do meu primeiro curso de escutatória.

Se fecho os olhos eu ainda escuto, vejo, sinto até o cheiro da comida borbulhando no fogão à lenha, da chaleira de ferro aquecendo calmamente sobre a chapa do fogão à lenha que fazia um chiado longo. Meu avô preparava o mate com erva produzida no próprio ‘*carijo*’, sevado com jeito cansado de quem trabalhou o dia inteiro e agora iria descansar. Seu lugar era na caixa de lenha bem ao lado do fogão. Depois chegavam meus tios e tias, que já tinham se lavado e um a um,

seguindo a roda, recebiam um mate. Aos poucos chegava a gurizada, os primos reportados pela avó que, com a lata de bolacha, colocava cada um em um lugar.

A prosa corria alegre, e entre causos e casos, ouvi a primeira história, lembro algumas frases até hoje e eu tinha apenas 4 anos, segundo a minha mãe.

Lembro-me dos olhos do meu avô, dinâmicos e atentos, que sinalizavam a hora de ouvir ou falar, tanto para mim, quanto para os demais. Ele parecia um maestro que como quem conduz uma peça orquestrada, fazia a conversa fluir de forma natural e organizada.

Foi ali, nas muitas rodas de conversa, que aprendi a ouvir e ser ouvida, respeitar e ser respeitada. Respeito! Aprendi isso ouvindo meu avô e observando como as outras pessoas se comportavam... Olhavam para os olhos ou para a boca de quem falava, inclusive para a minha. E todos escutavam... E isso era respeito.

Quando estávamos na cidade lembro-me da TV *'telefunk'* que meu pai comprou... E ficou proibido mexer, encostar ou se aproximar dela, porque não podia estragar isso era grave. Então ficávamos lá fora inventando brincadeiras: ... Fogão de pedras e colocávamos fogo de verdade. Cozinhava arroz ou fazia pipoca que, claro, queimava, mas comíamos de qualquer forma e não parecia tão ruim.

À noite o pai era quem ligava a TV e nesta época conheci o Cid Moreira em mais um curso de escutatória. Nesta época, não era permitido falar enquanto ele não dissesse: - "Boa noite". Ficávamos quietinhos, um ao lado do outro, sem olhar nos olhos de ninguém, apenas esperávamos o JN terminar. Acho que isso não era respeito. Nem sei bem o que era.

O fato é que ficou em mim a gostosura da sonoridade da voz que conta, a entonação, o mistério e a expectativa que o silêncio carregava. A magia de imaginar cada forma, cada ação, cada rosto expressando os mais diversos sentimentos e acredito que estas memórias são alicerce da contadora de histórias que me tornei.

Tenho outras memórias, claro, das brincadeiras nos poteiros, do barro até o joelho, do cheiro dos galpões e das estrebarias, do sabor das melancias geladas na sanga calçadas com pedras, dos quero-queros e eu tinha certeza que eles eram os donos do gramado e morria de medo que tirassem o couro da minha cabeça.

Lembro-me dos amigos, primos, das brigas, das coisas de crianças que criança resolvia e nossas mães não brigavam por isso. Lembro muito bem dela mandando a gente se resolver. Isso era respeito pela nossa condição de criança e

nos dava a oportunidade de aprender a resolver conflitos. Isso era ensinar a viver e conviver com o outro.

Teve o tempo do carrinho de lomba que martelávamos incansavelmente, com o facão cortávamos as taquaras para fazer as pandorgas e se cortasse o dedo – “Antes de casar sara” – gritava uma voz vinda da casa. Era normal se machucar e sarar. Jogar bolitas e ‘rapelar’ os primos, trabuco para guerrear e acertar sem dó nem piedade os adversários com bolinhas de cinamomo, bodoque pra caçar preá e acertar o alvo ou alguma prima chata, polícia e ladrão com armas de pitangueira que nós mesmos fazíamos. E ninguém que brincava, disto tudo naquele tempo, virou marginal ou foi preso. Daí ainda me pergunto: por que não podemos brincar de: Pá! Pá! Pou!, na escola?

Da escola, minhas primeiras memórias são olfativas, o cheiro da sala, era mágico, nunca descobri o que era, mas também nunca consegui esquecer o cheiro da sala do pré. Da professora não lembro muito, quase nada para ser sincera.

Já a professora do segundo ano, Marcia Cristina Ferrão, desta eu lembro com detalhes, penso que seja porque ela me arrebatou o coração. Incentivava-me, cobrava, contava histórias e eu me perdia nas narrativas de fim de tarde. Ela lia e não dava o ‘trabalho’, apenas lia com o coração, e suas palavras me faziam melhor, me faziam gente, me tornava possível.

Eu sempre fui agitada, tinha dificuldade de ficar sentada, sentia meus nervos e músculos das pernas repuxarem, depois era nos braços, eu mexia o pescoço e repuxava os braços. Então eu ficava em pé, me apoiava na classe para escrever, mudava de posição e a letra saia ruim, o caderno caia, parecia que nada dava certo.

Tomei um medicamento por dois anos que segundo minha mãe era um calmante e depois Ritalina por algum tempo. Lembro poucas coisas deste tempo. Muitas vezes era como se eu assistisse as coisas acontecendo e não estivesse no meu corpo. Não conseguia reagir de forma normal. Eu ouvia, mas processava de forma lenta. Ainda não gosto de pensar em como me sentia.

Na família as coisas estavam difíceis, meu pai brigava muito, chegava tarde, batia na minha mãe e nós filhos decidimos em reunião que iríamos interferir. E assim fizemos, bati muito, apanhei muito e aprendi muito. Aprendi sobre superar a noite longa e amarga, aprendi a me preparar para a batalha, aprendi que não há vitória sem esforço. E três anos depois conseguimos tirar ele de casa para nunca mais.

Esta foi uma época sofrida. Pouca comida, muita fome. Aprendemos a fazer 'bicos' como lavar calçadas dos vizinhos, cortar grama, engraxar sapatos, carregar galhos, fazer horta, fazer luvas de tricô dentre tantas outras coisas para ganhar um dinheirinho.

Para poder cursar o antigo segundo grau, fui trabalhar de babá para o Juiz João Batista Costa Saraiva, aprendi muito da vida com ele, desde coisas simples como fazer uma ligação para Porto Alegre, fazer um bom brigadeiro, abrir a porta de um quarto de hotel, levar crianças a espaços públicos e acessar a cultura imersa em Museus e galerias.

Vivi intensamente e a infância até os 14 anos algo impensável hoje, fui adolescente até os 18 anos e aí virei adulta e trabalhadora. Responsável pelo meu próprio sustento. Neste ano eu precisava fazer o estágio de Técnico em Agropecuária, para o qual eu havia me preparado muito, passei na seleção da Cotripal, no tambo leiteiro e realizaria um sonho. Mas quis o destino que dois dias antes de iniciar o estágio, eu perdesse a vaga porque não era mais filha de associado e aí tudo no universo mudou de lugar. Tive que fazer um novo projeto de estágio sobre horta escolar e ir estagiar em uma escola. Chorei muito e não desisti, foi difícil descobrir que daria aulas em formato de oficinas de horticultura e fruticultura doméstica.

Mais uma vez tive que aprender e tentar compreender o universo da docência. Usava como modelo os professores que tive e o "auê" estava formado! Certa ocasião faltou vários professores e então fui escalada, por ser brincalhona para ficar com duas turmas de pré-escola. Trágico! As crianças pediam para ir ao banheiro, eu deixava, elas não voltavam. Quando me dei conta tinha só três ou quatro crianças de um total de vinte e nove, fui procurá-las e as encontrei num velório que acontecia na capela mortuária no mesmo terreno da escola. Fiquei constrangida, fazia sinal para eles virem e nada. Chamei a diretora, ela foi até lá, cumprimentou a viúva, fez uma oração para falecido, olhou para as crianças e apontou o dedo para a porta. E eles foram saindo um a um, sem que ela dissesse nada. Perguntei-me então, qual poderia ser o segredo dela? Que poder!

Havia segredos que eu não conhecia jeitos, maneiras de fazer, falar, postar o corpo, que eu não podia entender, mas queria aprender.

Alguns dias depois precisei ficar com uma turma enorme no horário do meio dia, pois estava chovendo e não podiam ir para o pátio. Restou-nos oferecer um

vídeo que teimou em não funcionar. Se existe caos eu conheci naquele dia, foi um inferno! Era criança correndo, derrubando cadeiras, brigando, gritando. Pensei em nunca mais aparecer na escola, mas eu tinha que fazer alguma coisa.

No dia seguinte, mais uma vez choveu e fomos para o tal salão, pedi que sentassem e contei pela primeira vez na vida uma história para cerca de 150 crianças. 'O Homem da Capa Preta', que inventei dando um toque de mistério e muita aventura. Teve momentos que o silêncio era absoluto, noutros gritos e expressões de susto. No final foi uma vibração, pois as crianças venceram o homem da capa preta e pediram para contar novamente no dia seguinte.

Eu não lembrava todos os detalhes do dia anterior e as crianças cobraram cada detalhe. Aprendi que preciso registrar minhas histórias. Depois desta experiência, entrei para a Pedagogia na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, e fui aprender a ser professora.

Frustrai-me com muitas professoras, pois queria poder entender a teoria e a prática como entendo queijo e goiabada, mas não era assim. Perguntava-me, se as professoras da Universidade não estariam tempo de mais longe das salas de aulas, se não era hora delas conviverem com crianças e encurtarem a distância de uma coisa e outra. Isto eu pensei em 1994, quando iniciei a Graduação.

Em 1998, ainda trabalhando na mesma escola, tive o meu primeiro filho, de 36 semanas, parto natural. Pedro Henrique nasceu com pneumonia neonatal, teve dificuldades em respirar e permaneceu internado por 12 dias. Como não existia UTI Neonatal, fomos aconselhados a levar ele para casa, a fim de evitar o risco de contrair bactérias. Passados 18 dias eu fui internada para retirar a vesícula. Correu tudo bem e voltei para casa. Com cerca de seis meses ele passou a ter sudorese intensa, hipotermia, estado de choque ou crises convulsivas seguidas de paradas cardiorrespiratórias. Investigamos de todas as formas, as crises só aconteciam em sono. Passamos por 12 pediatras até que uma se interessou pelo caso e nos ajudou muito.

Ela nos encaminhou para a Pontifícia Universidade Católica (PUC) em Porto Alegre, no setor 311 de epilepsias graves e de difícil controle. Lá escutei do médico que eu poderia aprender tudo a respeito da doença do meu filho, me disciplinar e ajudá-lo a desenvolver suas habilidades e potencialidades, que eu poderia ensiná-lo a viver com a doença de forma tranquila.

Durante os tratamentos e as internações sempre fiquei incomodada pelo fato do meu filho perder a condição de criança para estar na condição de paciente e pior ainda quando ele era um 'enfermo'. Estudei sobre os processos lúdicos de cura e a importância da criança ter preservado sua condição de criança mesmo durante as internações e conseguimos ótimos resultados com ele.

Neste tempo eu precisei trancar o meu curso de Pedagogia por questões financeiras e retomei no ano de 2000. Voltei mais madura, com outros olhares para ao meu processo de formação. E me dei conta que eu havia sido aluna do Mario Osório Marques e que não tive maturidade pedagógica para compreender do que estava falando. Agora seus textos começavam a fazer sentido.

Em 2003 nasceu meu segundo filho de 34 semanas, por descolamento da placenta. João Vitor ficou internado 22 dias, por conta de uma bronqueolite, se recuperou bem e fomos para casa.

O mais velho seguiu o tratamento até 2005, estava estável e iniciamos a retirada gradativa dos medicamentos. Tudo corria bem até 2007, me formei em pedagogia em Março e em abril quando eu estava na 36ª semana da minha terceira gestação, ele precisou ser operado de uma apendicite aguda. Avisamos o médico sobre o tratamento de epilepsia e ele nos prometeu que falaria com anestesologista. O Pedro foi operado numa terça às 7 horas e só acordou no amanhecer de sexta, por conta de não ter sido usado a anestesia adequada para epiléticos. Neste período de inconsciência, as crises convulsivas foram muitas e não tínhamos ideia de como ele ficaria. Passados oito dias fomos para casa, com medicações, cuidados, mas ele estava bem. A Eduarda nasceu exatamente 18 dias após a cirurgia do irmão, em boas condições, apenas com a clavícula quebrada, o que foi tratado e não causou maiores problemas.

O bebê estava bem, chorava como qualquer recém-nascido, e aos poucos os períodos de choro foram aumentando, com quase um mês notamos que urinava pouco e a médica solicitou um exame de urina. Coisa simples e rotineira que levamos mais de sete horas para conseguir coletar, pois ela não fazia xixi. O exame mostrou uma infecção não muito comum para um bebe tão pequeno, mas comum em crianças com refluxo renal. Iniciamos uma investigação, tratamentos e por volta do 5º mês ficou comprovado a refluxo de grau IV e V bilateral, com indicação cirúrgica.

Fomos a Porto Alegre buscar tratamento, caro, de urgência e com poucas alternativas. No mês seguinte, após campanhas, empréstimo, ajuda de amigos, colegas e parentes, conseguimos realizar a cirurgia de reintrodução de ureteres no Hospital da Criança Santo Antônio. A cirurgia foi um sucesso.

Quando a vida seguia tranquila tudo seguia seu rumo, consegui ir para a Argentina iniciar o Mestrado em Políticas e Qualidade da Educação na Universidade Nacional Três de Febrero (UNTREF) – Ar. Foi um período de muitas leituras e muitas aprendizagens por viver em país onde a leitura é um hábito constante e as conversas são permeadas pelos conceitos e ideias. Cursei os cinco componentes curriculares com conceito A e recebi indicação para orientação para a pesquisa eu estava muito feliz, queria ler, pensar e aprender tudo. Em maio meu filho mais velho manifestou uma síndrome neurológica caracterizada por epilepsia focal e mioclônica. Precisei ler e aprender sobre as epilepsias graves e de difícil controle, para poder conversar com os médicos e ser ouvida e até muitas vezes ser tratada com respeito. O médico pediu acompanhamento psicopedagógico, mas não podíamos pagar, pois os remédios eram caros e muitos produziam efeito negativos demandando atendimento médico hospitalar constante. Sem alternativa consegui os livros e o método indicado pela Neuropediatra, estudei, produzi o material e em 10 meses meu filho estava re-alfabetizado nas linguagens escritas e matemática. Foi necessário organizar e disciplinar e a família para que tivéssemos tempo de cuidar das necessidades dos três. Seguimos a rotina e hoje ele cursa o terceiro ano do ensino médio, precisa eventualmente de auxílio, segue com as medicações e em tratamento na PUC em Porto Alegre.

Durante todos esses anos fui a escolas contar histórias, participei de feiras de livros em mais de 20 cidades, trabalhei no Serviço Social do Comercio (SESC), onde trabalhei com recreação, e passei a estudar os processos de Ludicidade, o brincar nas mais diferentes dimensões, a música e suas diversas possibilidades. Coordenei feiras de livros por 3 anos, sempre participando de forma ativa contando muitas histórias. Nesse tempo trabalhei junto a Associação Internacional de Leitura Conselho Brasil Sul (ALBS-NE), da qual fui vice – presidente e fomentamos a organização do grupo de escritores locais, formando o Círculo de Escritores Letra Fora da Gaveta.

Fui professora da Escola Francisco de Assis (EFA) por 3 anos, onde trabalhei com letramento em turmas de pré escolas, participei da criação do Grupo MOSAICO

de expressão artística que produzia espetáculos reunindo em torno de um tema as linguagens do teatro, da dança, música, poesia, leitura dramática, mímicas e tudo mais que a criatividade permitisse. Fui atriz e produtora.

Era seguidamente convidada para trabalhar na formação de outros professores em diversos municípios do Estado. Logo em seguida fui convidada a trabalhar no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) infantil como psicopedagoga, embora eu não tivesse o diploma levaram em conta o sucesso com meu filho e foi mais um período de muitas aprendizagens. Cada criança era um desafio para ser lido, estudado e pesquisado para então propor o plano de tratamento para a família. Minha grande felicidade é ter ajudado muitas famílias e ter me tornado amiga da grande maioria mantendo os laços até hoje.

Prestei concurso para docente em fevereiro de 2012, estudei, me dediquei, pois estava focada em passar nas primeiras colocações. Surpresa minha, ao ver a classificação e ter sido aprovada em primeiro lugar, veio a prova de títulos e me mantive em primeiro. Assumi no dia 12 de Julho do mesmo ano na Escola Municipal Infantil Cândida Iora Turra, foi ótimo trabalhar lá, conseguimos vivenciar projeto de verdade, um deles teve repercussão na RBS TV, o *La Vie ou a vida* em francês, em que as crianças queriam descobrir como é viver na França. Iniciamos de forma tímida e o projeto foi ganhando corpo e muitas perguntas, as proporções começaram a crescer, aprendemos falar algumas palavras, cantar oito (8) músicas com fluência e compreensão, contar, pedir ou escolher comidas, as cores, roupas e as famílias se envolveram muito.

Em 2013 fui convidada a trabalhar como professora pesquisadora e formadora no programa PROINFÂNCIA¹ do Ministério da Educação (MEC). Foram muitas leituras, muitas conversas e discussões, pois éramos apenas duas formadoras que ainda estavam em sala de aula na rede Municipal de ensino. Foram dois anos e meio de intensa constituição teoria e prática.

Apesar das críticas, iniciei a o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, pois algumas pessoas pensavam que eu deveria retomar o mestrado, mas a verdade é que a estrutura do curso, a forma de olhar a docência tomou meu coração, era disso que queria falar, ler conversar com as colegas de

¹ Assessoramento e Acompanhamento Pedagógico às Redes e Sistemas de Ensino na Implementação do Proinfância em Municípios da Região Central, Norte e Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

forma ressonante, e posso dizer que foram os sábados mais produtivos da minha vida.

Em 2015 fui eleita Patronesse da Feira de Livros 2015 com o tema “Era uma vez [...] pulos e gargalhadas, sonhos e contos de fadas!”, trabalhei intensamente em eventos pré-feira, durante a feira de forma intensa e cansativa. Logo depois me elegi diretora da escola em que trabalho atualmente. Não tem sido fácil, cada dia é literalmente um desafio e posso dizer que estou sobrevivendo, aprendendo coisas todos os dias, que jamais havia pensado em aprender. Em casa, estou buscando ajudar meu marido que voltou a estudar no ano passado e está realizando seus estágios curriculares do curso de Matemática.

As crianças estão bem e procuram nos ajudar na correria cotidiana que não é pouca, pois como diz a música “Orgulho de um Gaúcho” de autoria de Marcelo Dametto: *“A vida é uma história, É só saber interpretar, Feliz de quem logo descobre, As maravilhas que ela tem a dar”*. Para que possam fazer desta vida sua história, é preciso que aprendam a lutar por algo, se comprometer e ainda que seja difícil, persistir. Descobrir o valor do que se deseja perpassa o ‘trabalho’, mas para que descubram o sabor da vitória e da realização é preciso que alguém os leve nos treinos de judô, e os ensine a dobrar com jeito o Quimono, mostre como se organiza, em uma mochila, chinelo, o esparadrapo e a água. Pois nunca dá tempo de voltar em casa. É sempre da escola para o treino nas terças e quintas-feiras. Nas segundas e quintas é dia de danças no CTG e compor um grupo de cultura gaúcha. A pilcha, sapatilha e saia, botas e guaiaca precisa estar a postos para o ensaio.

Então quando participam de torneios e conquistam uma medalha, todo o suor é recompensado, ou quando vão a um Rodeio e em grupo conquistam um troféu, na categoria danças tradicionais, cada ensaio valeu a pena e eles percebem que fizeram algo bom, algo do que possam se orgulhar.

Penso que não posso trabalhar em uma escola de educação infantil, em que me proponho a pensar processos de aprendizagem, discutir com colegas professores teorias e metodologias se não for capaz de vivenciá-los com meus filhos. Tudo que compõe nossa ação prática está embasa nas teorias que nos constituem. Quer profissionalmente, quer na nossa vida pessoal. Será possível propor a vivência de algo na escola, com nossas crianças, que não acreditamos?

Ao refletir sobre as ações pedagógicas e vivenciar a maioria delas em casa, com meus filhos em idades e fases diferentes, também procuro refletir como a

escola incide na família, pois estamos o tempo todo falando de uma via de mão dupla. Sou meio assim, mesmo, questionamentos o tempo todo, pois entendo que quando eles acabarem terá chegado ao fim a minha capacidade de reflexão. Não quero ser uma professora de certezas, quero ser sempre cheia de incertezas. Para que tenha o que pensar e muito mais a pesquisar. É assim que sou.

E o que sou? Confesso que também me pergunto, então procuro nessa história o caminho que trilhei e percebo sem demora, que o que, nessa vida precisei foi aprender, aprender o máximo com cada desafio que enfrentei. Dessa forma, penso que sou uma aprendente, num estado de curiosidade permanente, preocupada em ter a pergunta adequada para mover uma nova aprendizagem.

1.1 DESCOBRINDO CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Quando ouvi de um médico que uma mãe pode aprender tudo e qualquer coisa para ajudar um filho, fiquei chocada por nunca ter pensado isso, já que sou pedagoga e meu objeto de trabalho é a aprendizagem. No entanto nunca havia pensado sobre a aprendizagem humana.

Talvez eu não tenha entendido antes, por imaturidade, quem sabe? Fato é que olhar as questões que permeiam o cotidiano da escola e se perguntar se esse é o único jeito ou forma de executar possibilita refletir sobre a história de como chegamos à educação que temos hoje em nosso Município.

É sim preciso compreender que o cuidado das crianças menores era destinado às creches vinculadas à assistência com o intuito de atender a necessidade de mães trabalhadoras que não tinham onde deixar seus filhos. Nessa época não havia uma preocupação com questões de aprendizagem e desenvolvimento pleno da criança, o foco estava no cuidado, em dar a criança atenção às suas necessidades físicas e entregá-las 'inteiras' aos pais.

No ano de 1998, a Secretaria Municipal de Educação passou a ser a responsável pelas instituições até então de assistência para torná-las escolas, atendendo a "(...) regulamentação do artigo 206 da CF o Município de Ijuí, em 1998, pela Lei 3.434, de 31 de Março, institui os conselhos escolares nas escolas municipais [...]” para então, no ano de 1999, “com a aprovação da Lei nº 3.540, de 02 de junho, passa a constituir o seu sistema próprio de ensino, dando nova configuração à organização da educação Municipal.” (LIZOT, 2015, p. 06).

Essa transição foi polêmica de início e não se tinha clareza do que e como fazer. O fato é que as atendentes e monitoras agora iriam trabalhar com professoras e aconteceu o primeiro concurso para professores de Educação Infantil do Município.

Ao adentrarem nas escolas havia uma responsabilidade implícita de ensinar crianças e então o que se seguiu foi a escolarização da infância. Pensava-se estar fazendo o melhor, que os treinos motores, os desenhos iniciados por professores, as colagens de papel crepom, a tentativa de decorar letras e números eram exatamente o que as crianças precisavam. Pois era isso que a escola fazia, ensinava. E parecia obvio que deveria ensinar.

Com a necessidade de compreender a educação de crianças pequenas, pela via da universidade, chegou até a escola o Construtivismo. Que mesmo sem ser entendido e assimilado pela maioria precisava ser executado e tudo que era tradicional era ruim. Era status ser construtivista e uma vergonha ser tradicional. A confusão pelo não entendimento das bases teóricas e epistemológicas gerou erros e acertos. Esse processo não foi amplamente refletido e ficou por algum tempo sob o domínio do achismo, e até onde sabemos.

Este processo tem continuidade, pois em:

2001, a Lei Municipal nº 3.775 altera a forma de escolha de diretores das escolas Municipais, tendo como principal mudança a ampliação da participação dos pais e alunos, estendendo o direito a todos os pais e aos alunos a partir do 4ª série e não mais por representatividade. Já em 2009 o processo democrático de escolha de diretores é estendido a todas as escolas, entrando em vigor pela Lei Municipal nº 5.109. (LIZOT, 2015, p. 7).

Neste percurso de pensar democraticamente a gestão da escola e acompanhar percursos dos fazeres pedagógicos, a Secretaria Municipal de Educação iniciou um processo de olhar e registrar o fazer pedagógico. Era necessário um tempo e espaço para a formação docente, dentro da carga horária, assim iniciou a formação continuada na rede, concebendo:

[...] a escola, como locus privilegiado de formação; a valorização do saber docente; e o ciclo de vida dos professores. Isso significa dizer que a formação continuada: primeiramente, parte das necessidades reais do cotidiano escolar do professor, e por isso, ele tem a grande parte da jornada de formação no ambiente escolar. (LIZOT, 2015, p. 9).

Então vieram as propostas de mostra pedagógica, de seminário de práticas com o intuito claro de dar visibilidade e qualificar a ação dos professores, concebendo o cuidar e o educar. Com o passar dos anos estas praticas evoluíram tanto como seus registros que passaram a ser publicações organizadas pela Secretaria Municipal de Educação.

Desde 2012 a Secretaria Municipal de Educação de Ijuí possui uma proposta pedagógica estruturada para a rede, que é a Proposta Curricular Tempo e Espaço de Ser Criança – Educação Infantil, com o intuito qualificar a ação docente em forma de estudos continuados, tanto para o grupo do município quanto, para o grupo da escola, e ainda formação por etapa de educação básica. Esse processo formativo se efetiva em grupos que considera a realidade da escola, buscando compreender o contexto, por isso a ação acontece dentro da realidade imediata, ou seja, o contexto, que veio para dar conta das fragilidades e buscar a potência das escolas, a qualificação do fazer pedagógico e seus registros.

Nos últimos 4 anos, tem-se percebido um esforço da Coordenação Pedagógica da Educação Infantil para ampliar e instituir a formação em contexto, que de acordo com Oliveira- Formosinho, a

[...] formação em contexto de trabalho, isto é, formação referida aos problemas do cotidiano praxiológico. Esta formação começa pela identificação destes problemas e faz uma jornada colaborativa para apoiar a experimentação e criar conhecimento em torno das formas de superar os naturais problemas e dilemas de qualquer prática profissional. (APEI, 2009, p. 07).

Esse formato de formação é extremamente rica enquanto possibilidade real de deslocamento de olhares, compreensão, discussão e reflexão sobre os fazeres que corporificam a escola. Essa tentativa é relevante por considerar a escola com todas as suas dificuldades e potencialidades, partindo da realidade, percebendo o percurso e a história do educandário, do grupo de docentes bem como da comunidade que forma o coletivo de crianças e famílias atendidas.

Esses esforços constituem uma experiência nova no Brasil, uma vez que na Itália e em Portugal essa metodologia já é empregada há mais de vinte anos e tem produzido bons resultados no que se refere à aprendizagem e ao desenvolvimento das crianças e dos professores.

Ao observar o cotidiano da escola é perceptível as particularidades metodológicas e até mesmo de postura que os professores assumem, desde

momentos de formação à ação educativa com a criança. Por muito tempo me questionei sobre o que determina as escolhas de ação e de pensamento.

Se cada sujeito educador ouve a mesma explicação vinda do formador, com exatamente as mesmas palavras e na mesma hora, o que determina se o sujeito vai ou não pensar a respeito?

Depois de passar muito tempo com esta questão 'borboleteando' na minha cabeça, encontrei uma explicação quase que ao acaso em um livro sobre narrativas orais em que Busatto (2003, p.9) diz "[...], e o texto deixa de ser signo para se tornar significado" imediatamente imaginei as palavras do formador saindo de sua boca e adentrando os ouvidos dos educadores e dentro da cabeça de cada um, o movimento para estabelecer relações com as memórias, com as vivências com experiências inicia um processo de dar significado, de ir refletindo sobre o que ouviu. Penso que a reflexão possa produzir a 'corporificação' da teoria nas ações educativas com a criança e tornar-se prática cotidiana reflexiva.

Essa 'corporificação' é que nos faz olhar para as profissionais da escola, uma vez que estão realizando um processo de reflexão, que a cada dia nos dá indícios de aprendizado. Cada qual a seu tempo, com sua formação, com suas maneiras de perceber o cotidiano da escola.

Como alguém ressignifica pensamentos? Conceitos? Sabemos que são apropriados ao longo da vida e que propõem sentidos com aquilo que nos constitui desde valores a conceitos embasados cientificamente.

Dos sonhos que sonhamos para a educação infantil, para o grupo de crianças e grupo de profissionais, buscamos inicialmente mapear nossas fragilidades e nossas potências. Para então pensar de que maneira essa *investigação da própria prática* contribui para discutirmos a temática: *formação em contexto e a ressignificação das práticas na educação infantil*.

Pensar que alguém que ocupa um cargo na gestão da escola seja capaz de inquietar-se para envolver-se com as questões que emergem cotidianamente na escola, e faça destas demandas objeto de reflexão constante para mapear o percurso de aprendizagem, é acreditar na possibilidade dos professores e gestores produzirem conhecimento através do olhar crítico e honesto sobre seus fazeres.

Se puder pensar o cotidiano em seu contexto imediato, observar a ação do coordenador com o professor o professor com a criança, teríamos uma ação reflexiva com enorme potencial de pesquisa, e me refiro aqui, a pesquisa

estruturada, sei que parece algo longe da realidade, mas se existe necessidade de compreensão, há que se ter espaço para a pesquisa, com metodologia definida capaz de dar conta do grupo da escola, estrutura adequada para que possa ser válida e legitimada. Esta preocupação com a metodologia de pesquisa-ação fica explícita na produção de Lima e Nacaratto:

O termo pesquisa-ação, principalmente no contexto brasileiro, tem sido utilizado com os mais diferentes significados, atendendo até mesmo interesses de gestores de políticas públicas de características neoliberais, afastando-se de sua concepção original. Para evitar falsas interpretações em sua utilização, temos optado pela expressão “investigação da própria prática”, tal como o faz o Grupo de Trabalho sobre Investigação (GTI), de Portugal. (2009, p.241).

As quais seguem ressaltando as razões para justificar a pesquisa da própria prática:

Quais as razões que podem justificar a pesquisa da própria prática? Apoiando-nos em Ponte (2002), podemos argumentar favoravelmente a essa modalidade de pesquisa pelas seguintes razões: 1) possibilita ao (à) professor (a) assumir-se como protagonista do desenvolvimento curricular e profissional; 2) potencializa o desenvolvimento profissional e age como transformador da cultura escolar; 3) fornece elementos que levam à maior compreensão dos problemas educacionais e da cultura profissional. (LIMA; NACARATTO, 2009, p 241).

É importante lembrar que assim como os professores, os membros da gestão, sejam diretores, coordenadores, vice-diretores, todos são produtores de conhecimento e de culturas, que precisam ser respaldados pela pesquisa.

Em resposta as nossas inquietações Rinaldi nos apresenta mais algumas possibilidades quando questiona porque falar de desenvolvimento pessoal e profissional, ou de formação ao que segue:

Acho que está bem claro: porque falar sobre documentação e pesquisa, ou melhor, sobre documentação como elemento essencial da pesquisa didática e pedagógica, significa falar sobre desenvolvimento pessoal e profissional e sobre educação. Na verdade, o desenvolvimento pessoal e profissional, assim como na educação, não deveria ser visto como qualidade estática e imutável, alcançada de uma vez por todas, mas ao contrário, como um processo, um percurso que percorremos desde que nascemos e por toda a nossa vida. [...] são coisas que desenvolvemos na relação com o outro, com base em valores escolhidos, partilhados e elaborados em conjunto. (RINALDI, 2014, p. 248).

Em um grupo, todos participam dos processos formativos, mas cada sujeito reage de forma diferente, alguns experimentam, outros não então preciso pensar e

compreender que como explica Rinaldi (2014, p. 250): “Todo sujeito, assim, é uma construção, tanto por parte de si próprio quanto socialmente elaborada em um contexto e uma cultura”.

O processo de construção é tão singular quanto cada sujeito, não há dois sujeitos iguais, nem dois processos de significações iguais. Conhecer, refletir para compreender se as **formações em contexto estão produzindo mudanças na ação educativa das professoras com as crianças** é fundamental para registro e análise desse percurso, constituindo-se no objetivo dessa Monografia de Especialização.

Para desenvolver essa pesquisa, busquei registrar o processo de constituir-me gestora, que se preocupa com a aprendizagem de crianças e professoras da escola. Muitos são os desejos de um gestor, pois acredito que todos querem ver seus grupos andando de forma tranquila, vivenciando projetos, interações, participando de formações, motivados para aprender sempre, sobre aquilo que é de fato seu objeto de trabalho.

Não foram poucas às vezes em que me questioneei sobre estratégias para tornar visível a aprendizagem das professoras. Em outras a dúvida que me consumia era oferecer ou não materiais para leitura, pois a forma como os profissionais encaram a oferta de subsídio teórico é diversa e, muitas vezes, vista de forma pejorativa ou desmotivadora.

Era preciso ser cautelosa com as escolhas e ponderar tudo antes de propor, principalmente depois da perda de uma colega, que faleceu de maneira repentina. Juntar o grupo, encarar, viver e encerrar o luto, foi um grande desafio, pois como gestora não estava preparada psicologicamente, mas conseguimos superar e voltar as ações da escola.

Muitas vezes, nos momentos em que estávamos realizando o processo reflexivo sob forma de conversa da teoria com a prática era sempre permeada por muitos questionamentos, estranhamentos, observações, sofrimento. Era um processo intenso e eu não conseguia pensar tudo ao mesmo tempo. Precisava guardar de alguma forma, as questões que ficavam circulando e ocupando meus pensamentos e até meus sentimentos. Então as cartas se tornariam ‘imagem’ do contexto, do momento vivido. Algumas delas foram desabafos sobre coisas que não conseguia compreender no momento e, por isso, tinha que registrar para poder

pensar e refletir melhor em outro momento, para poder realizar um distanciamento necessário para estranhar e refletir a situação.

A escrita esteve presente na minha vida, como algo chato e que fazia por obrigação, depois entendia que era necessário, mas realizar o exercício de escrever, como quem escreve para um amigo, e a ele conta seu cotidiano suas angústias, seus medos, seu desejos e porque não, seus sucessos. Parecia-me ser mais 'fácil'. Por isso, essas reflexões foram registradas em *Cartas*, como um meio para problematizar de que forma esse processo reflexivo contribuiu para pensarmos o processo de aprendizagem das professoras e o meu próprio processo de gestão.

A narrativa sempre fez parte da minha vida, não de forma escrita é verdade, mas quando escuto professora Dr^a Kelly Werle compartilhar de Souza (2012, p.38) “é preciso que os sujeitos autorizem-se a falar de si, a cambiar experiências, a aprender com os outros e consigo próprio.” Penso que registrar este processo, através deste exercício de escrita que desenha imagens cotidianas, que possibilita compartilhar reflexões é extremamente importante para delinear o percurso de como me constituo gestora de processos.

Não se trata apenas de narrar, mas de registrar, como diz Benjamin (1994, p. 197), “experiências comunicáveis”, que carreguem contextos capazes de produzir pensamentos sobre o narrado. Pensamentos que sejam suporte de reflexões que gerem novas experiências e novas comunicações.

Para entender a dimensão do que estas experiências propõem, é necessário compreender pensamento e reflexão, e nos escritos de Oliveira (2012, p.381) encontrei o fragmento de texto que segue:

Mas, o que significa “ser reflexivo”? Todo pensamento é reflexivo? O que caracteriza o pensamento reflexivo? E, por fim, por que essas perguntas nos interessam?

É importante reconhecer que há muitas formas de pensar e nem todas são reflexivas. Ser reflexivo significa ter desenvoltura para colocar em prática um tipo especial de pensamento. Para Alarcão (2002), o pensamento reflexivo é uma capacidade que tem de ser cultivada. O que o caracteriza é a capacidade que o sujeito tem de voltar-se a si próprio, de pensar o próprio pensamento. No caso dos professores, por exemplo, há profissionais descrevem bem sua prática, que desenvolvem elaborados relatos de sua experiência. Nem por isso, porém, são reflexivos. É mais reflexivo, por exemplo, aquele que ao relatar seu trabalho sabe colocar-se em relação a ele, sabe pensar sobre como chegou a formular determinada proposta, as razões que o motivaram e, ainda, como pode mudar esse modo de pensar. (OLIVEIRA, 2012, p. 381-382).

Considerando estas dimensões, o conteúdo das cartas dá conta sim do cotidiano, contam pensamentos sobre vivências e experiências e são, de fato passíveis de reflexões e conversas com teóricos e teorias.

Durante o processo de formação no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, tive a possibilidade de conversar e interagir com colegas e professores, partilhando da vivência e conhecimento de todos. Conheci e aprendi a dialogar com alguns autores como Carla Rinaldi, Carolyn Edwards, que escrevem sobre os fazeres da abordagem de Reggio Emilia através do trabalho de Lóris Malaguzzi. Aldo Fortunati amigo de Lóris que trabalha na perspectiva de uma escola que nasce a partir do desejo da comunidade e me encantei com estas abordagens que respeitam a criança.

Emy Pickler e suas proposições para a educação de bebês como centro de observação e aprendizagens, as possibilidades dos espaços e ambientes, que privilegiam o brincar heurístico.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), foram estudadas e discutidas nos grupos e nos possibilitou compreender as possibilidades de avanços nas ações cotidianas na escola.

A escola em que trabalho tem o mesmo número de crianças que uma escola em Reggio Emilia, claro que o contexto histórico e cultural é completamente diferente, o processo formativo de professores, gestores e demais funcionários é algo que, em nossa realidade, ainda não é concebido como possível. No entanto, se não nos questionarmos a cerca do que nos aproxima e nos difere, do que é potência e possibilidade, do que é impossibilidade real ou momentânea poderemos exercitar quais são os olhares, escutas, interações são possibilidades de incorporar no nosso cotidiano? Estas perguntas precisam nascer nos pensamentos e nas reflexões de cada uma das professoras e da coordenadora pedagógica da escola.

A pertinência desse estudo está na possibilidade de relacionar as concepções teóricas com a prática a fim de produzir elementos balizadores de pensamento e reflexão acerca da proposta de auto-formação e da formação em contexto.

1.2 NOSSO GRUPO

O grupo se constitui de forma particular e nos ajuda a pensar nele quando conhecemos e consideramos o percurso de cada professora:

Quatro delas está há cerca de quinze anos na rede Municipal de Ensino, tendo como formação inicial magistério, cursando mais tarde a graduação: uma em História, duas em Língua Portuguesa e uma em Pedagogia na Educação a Distância (EAD). As outras duas são formadas em Pedagogia e também possuem tempo de rede semelhante às demais. Possuem uma boa leitura do que propõem a Secretaria Municipal de Educação, mas precisam sair do papel, a teoria precisa ainda, ganhar o suporte da vivência prática, no cotidiano da escola que vivencia conceitos.

Pensar que é possível problematizar a prática realizada diariamente, estranhando ações como fila, uso do banheiro, momentos de alimentação, brincadeiras, tempos de espera ainda é um desafio, pois precisa ser entendido como possibilidade de entender o que fazemos distanciado de qualquer vaidade.

Compreender que a mesa não é o centro do trabalho, mas a criança é. Rever conceitos de estética para não retoquem o desenho ou registro da criança ou então, que desenhem sobre a produção da criança. O chavão... “eu finjo que vocês desenham e vocês fingem que desenharam”, não cabe mais na realidade de compreensão das nossas famílias. Concordo que é difícil ser honesto e humilde para refletir e perceber que não se faz tudo perfeito, e que sim, erramos e é normal.

O Grupo divide-se em três partes, duas que compreenderam a proposta de tentar, de ser mais leve, de perceber a diferença entre interação e atividade, de ter clara a intencionalidade do que e como propor as interações com as crianças. Que protagonismo não é um bicho de sete cabeças que devora ou massacra professoras, mas possibilidade rica de aprendizado, de vivência, de olhares, de ressignificação de paradigmas.

Para entender este novo fazer do professor é preciso compreender que:

O educador deixa de ter um papel central na relação com a criança, com os pais, passa a ser um educador que coloca todo o seu profissionalismo na ação sobre os contextos que acolhem as relações entre crianças e entre pais. (ZINGONI, 2014, p. 59).

No grupo duas estão andando com um ritmo lento, mas entram constantemente em conflito, estranham e comparam os tempos de antes e de agora, se desafiam a tentar algo novo de tempos em tempos. Uma faz questionamentos e procura defender seus pontos de vista e por vezes, ao se contradizer percebe a necessidade da mudança ao dizer: - *“Meu tempo antigo não cabe mais aqui”* ou *“Meus Deus eu sempre fiz assim, mas agora já não sei se é certo ou errado, a gente*

tenta, sei lá o que vai dar”. Enquanto a outra permanece numa postura mais rígida, com menos abertura para a conversa. Ainda estou observando alguns fatores que podem incidir sobre esta postura e buscando o diálogo.

As outras duas estão iniciando o processo, querem botar ou tirar coisas das salas porque as colegas fizeram e ainda não se preocupam com a intencionalidade, o porquê mudar. Ainda pensam que ao tirar a mesa tudo se resolve, mas não estão conseguindo ainda refletir que tirar mesas, para privilegiar o brincar tem uma teoria que embasa e conversa com as possibilidades das professoras. Mas não adianta tirar as crianças do confinamento da cadeira para manter confinadas no tatame, ou no tapete, ou na sala. Zingoni nos ajuda a refletir o papel do adulto:

O papel do adulto assume uma centralidade diferente:

- se exprime, primeiramente, no ato de projetar o espaço com tal organização que acolha as potencialidades das crianças;
- se ocupa, sucessivamente, em monitorar, através da observação e da documentação, a relação entre as crianças e o ambiente organizado, de modo a propor ajustes constantes que acompanham a evolução das relações individuais e coletivas, esta, de fato, é explicitada e caracterizada através do tempo de permanência, do grau de conhecimento e do sentimento de pertencimento que as crianças desenvolvem em relação ao contexto educacional. (ZINGONI, 2014, p. 64-65).

Essa concepção do papel do professor pede um deslocamento de olhar, de postura, de disponibilidade de ouvir e é um processo que pressupõe disponibilidade. Penso que logo elas se perguntarão: “Mas afinal, do que vocês estão falando” para daí então pensar realmente no que fazer com tudo aquilo que foi sua base conceitual por anos.

Então entendo por que este processo é tão dolorido, longo e lento, pois são anos a fio de trabalho com aquilo que de acordo com uma das professoras, “sempre foi certo”. Esta fala está carregada de sentidos teóricos, pois em sua formação realmente estudaram para isso. E afetivos, pois constituem anos de um fazer mecânico que não se pautava na reflexão e era centralizado no professor.

Se deslocar desse processo significa, metaforicamente, tirar uma parte que constitui a cada uma. Inicialmente o choque de ver cair por terra aquilo que era o seu “*correto*” é dolorido e perpassa muitas vezes o processo de luto, para depois reconstituir aquela parte que por ora ficou vazia, por uma nova experiência, uma nova possibilidade.

Enquanto equipe de gestão estamos sempre preocupadas em como respeitar esse processo sem forçar além das possibilidades de cada uma e sem deixar que o

percurso de se reinventar se esvazie de sentido. Mas a questão permanece e me pergunto: Como me constituo gestora e até então sou professora de crianças e formadora de educadoras?

Em determinados momentos parece uma resposta óbvia [...] utilizando o meu processo autoreflexivo para pensar como as metodologias que uso com os educadores. Buscando refletir sobre o que nos diz Bondía, 2002: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Pensar o que sinto e o que me atravessa é base do meu processo autoformativo.

No entanto, a questão toda é mais complexa, considerando sim, que a forma como falamos, como recebemos as crianças e as famílias, de como encaminhamos coisas simples como adaptação, alimentação, uso de sanitário são todas práticas que constituem o currículo da escola e são tão importantes quanto às potencialidades desenvolvidas, pois constituem a vida das crianças e também o adulto que irão se tornar.

Pautada nas cartas selecionadas, relato os pensamentos e desejos de desafiar toda a equipe, fazendo com que cada um ou uma ao seu tempo estabeleça suas significações. Por isso, durante nossas conversas, não são raras vezes que buscamos nas memórias de infância o suporte para sensibilizar as formas de pensar e conceber as infâncias que nos acompanham na escola.

2 CARTAS AUTONARRATIVAS

Quando pensamos em organizar o grupo de professoras para se constituir um grupo de trabalho para refletir o percurso que iremos percorrer, nos detemos no formato de formação em micro contexto. Propondo a formação em micro contexto com as professoras, já que a intencionalidade é pensar o contexto da turma, que se desenvolve em uma dinâmica com a professora do turno da manhã e outra do turno da tarde.

Sabemos que as crianças que frequentam o turno integral reagem de forma diferenciada nos turnos, pois alguns colegas mudam, assim como a professora e a auxiliar, conferindo novas características à turma.

Dessa forma, reunir as professoras para conversar e pensar o início do ano letivo, procurando tornar parte do cotidiano as conversas e as reflexões acerca do vivenciado com as crianças, enquanto elementos para reflexão e projeção do trabalho.

O objetivo é priorizar um espaço de escuta de como estamos vivendo o processo de adaptação, das crianças e dos profissionais na primeira semana. Reunindo as professoras dos dois turnos de cada turma para conversar, para que a gestão possa exercitar a escuta sensível das necessidades, possibilidades e potências de cada micro contexto – turma.

Este exercício de deslocamento de olhar, buscando ver e perceber as ações através dos registros fotográficos realizados pelas próprias professoras se constitui em uma metodologia dialética, de olhar e refletir sobre a ação.

O tempo é de cinquenta minutos, durante o planejamento integrado das 12h10min às 13h. Porque depois deste horário é preciso voltar para a sala e ficar com as crianças.

Do tempo de escuta e de conversa, de olhar um material e outro, tornou o registro pertinente e necessário, no Portfólio da escola as fotos e as ações das crianças que exprimem o vivenciado e dão ideia do que foi planejado e proposto, mas não do que foi pensado e refletido antes e após as vivências.

Aos gestores cabe preparar a recepção daqueles que compõem a escola, ser esperado significa fazer parte, pertencer por isso estivemos preocupadas em olhar, pelos mais diversos ângulos para que todos se sintam parte desta escola e de todos

os seus fazeres. Procuo, nesse período de gestão e de aprender a gestar, registrar minhas reflexões, desabafos, pensamentos, frustrações e encantamentos em forma de cartas reflexivas, enquanto registro de percurso e para que possa pensar sobre como me constituo – dentro do processo – para tentar compreender e potencializar o processo das professoras e coordenadora.

Nas cartas que seguem, as reflexões se dão de forma livre sobre vários aspectos, não há uma proposição sobre o que pensar antes ou depois, mas de se deter aquilo que no momento era pertinente. Depois de escritas, as cartas foram tecendo com os referenciais teóricos, esse percurso narrativo e reflexivo.

2.1 CARTA 1 – FEVEREIRO/2016

Tudo preparado, a Coordenadora e eu passamos dias conversando, planejando como iremos propor o processo reflexivo de quem somos enquanto escola e como iremos nos constituindo de fato em uma escola de Educação Infantil, capaz de realizar **deslocamentos de olhares**, com sensibilidade para ‘ver’ a infância com todas as suas necessidades. Por isso pensamos em oferecer momentos de conversa leve e questionamentos sinceros, que na verdade irão depender de uma maturidade profissional que no momento não temos como avaliar.

Confesso que estamos muito ansiosas, cartão de boas vindas, um café da manhã preparado com detalhes e carinho, chimarrão novo a espera das colegas. E iniciamos o ano recebendo as auxiliares, professores e servidores.

Iniciamos com um círculo para se olhar e matar a saudade.

Se sentimos saudades? Claro que sim! De quem? Estranho pensar que há alguns dias atrás estávamos neste mesmo lugar nos despedindo para curtir as férias com a família.

Depois das boas vindas fomos tomar café com conversa e causos sobre o que foi vivenciado nas férias. Os rostos estavam leves, com desejo de rever as salas e as novidades. Foi muito bom perceber que gostaram das salas pintadas, das mudanças de estantes e do espaço preparado.

Ouvir sobre seus planos com as turmas que irão trabalhar, já traz indício da base conceitual de cada professora. Percebo que ainda é pautado no ‘eu vou fazer’, ‘eu vou trazer’, ‘vou dar para eles’, ‘vou trabalhar com isto ou aquilo’, ‘esta atividade é boa’, ‘vou fazer um projeto’, entre outras.

Nas falas das professoras está a compreensão de cada uma do que é a criança, a professora e seu papel e o que concebem como aprendizagem. Elas são o centro de todo o processo, são elas que organizam as propostas a serem desenvolvidas e sabem o que é melhor para as crianças. Natural se pensarmos que elas fazem isso anos. Que este foi o modelo aprendido, não apenas na universidade, mas no cotidiano da escola. Não será fácil problematizar as questões naturalizadas neste longo período de docência.

Deslocar o olhar para pensar “tem mesmo que ser assim?” Será um desafio enorme, penso que é possível e que as estratégias terão que ser bem pensadas para que não se esvazie de sentido.

Haverá um estranhamento sobre: “Se o centro do processo é a criança, pra que professora?” Para buscar esta resposta será necessário o choque de conceitos para então refletir sobre um novo olhar, será dolorido e complexo. Não sei exatamente como este processo se dará, uma vez que, partilhando da pesquisa de Lima e Nacaratto o processo de formação acontece sempre verticalmente, e no caso da formação de professores, dentro da sua escola, entre os pares este processo tende a ser horizontal, criando paralelos de conversa, de troca de ideias, de leituras e de discussões pautadas pelos conceitos que serão estudados.

Queria muito poder dizer, de forma simples e fácil como diz Fortunati:

(...) podemos, sem dúvida, especificar um ponto central, em torno do qual todo projeto é construído e estruturado: a questão do reconhecimento e da valorização do protagonismo das crianças.

Em torno a esta questão, desenvolve-se a atenção aos processos de aprendizagem das crianças, a valorização do ambiente como recurso relacional, a forte afirmação de caráter aberto e colegiado do trabalho educativo, ao investimento na memória como uma estratégia para tornar visível o protagonismo das crianças e ao reconhecimento de que a participação das famílias não é apenas um dever, mas uma condição fundamental do projeto de um centro educativo. (FORTUNATI, 2014, p 20).

Tudo é processo, todo processo a seu tempo!

2.2 CARTA 2 – MARÇO/2016

Neste dia iniciamos o processo de formação em micro contexto com as professoras do Berçário II, composto por crianças de 1 à 1ano e 6 meses. Um espaço para pensar a turma, de forma específica, com espaço para as professoras partilharem vivências positivas e tentativas, por ora, frustradas. De forma simples, ouvimos as professoras a respeito do período de adaptação.

Durante a conversa, referem que alguns pais estão fazendo exatamente o que é preciso, de acordo com o que foi orientado na reunião que tratou especificamente o tema. Outros parecem ignorar o que lhes causa angústias, mas não em intensidade suficiente para causar sofrimento. “É mais difícil para a criança, mas a gente faz o possível (...)” – Refere a professora A.

Entregamos então um pedaço de folha para que escrevessem como estão se sentindo nesta turma, com relação ao início do trabalho efetivo com as crianças. E pôde se perceber nas escritas que existe uma satisfação e alegria em estar com estas colegas, nessa turma. Estão conseguindo criar uma atmosfera de cooperação e trabalho mútuo, que fica explícito no texto da Professora A: “[...] está sendo muito positiva nossa relação, pois há um diálogo aberto, combinados

e regras, que estamos conseguindo estabelecer respeitando o espaço de cada uma na sala de aula”.

Quando a professora B diz que **“adaptar é acolher, aconchegar, socializar e principalmente amar os filhos que nos são emprestados/ confiados durante o período em que os pais estão ausentes”** ela pode estar dando a dimensão afetiva que este momento precisa. Que a paciência em escutar e acalmar o choro é necessário, tanto quanto conversar e dar suporte para as dúvidas e insegurança das famílias.

Os pais dão mostras de estarem seguros com as professoras e com as auxiliares, o que é importante na hora de pegar cada criança para acalmar e mostrar possibilidades de brincar.

Essa condição de fluir o trabalho é fundamental para que cada professora possa amar e se sentir amada pelo seu fazer diário. Penso que tenha a ver com respeito, reconhecimento de uma prática pedagógica embasada nos fundamentos e princípios éticos da educação.

Dar início a um processo que não se pode prever como será, é sempre ousado. A ousadia nos permite experimentar, vivenciar momentos e situações que muitas vezes foram evitados. Como falar honestamente das ações realizadas na escola.

A adaptação é parte fundamental do currículo, e nesta perspectiva ainda podemos chegar a um papel de educador que de acordo com Zingoni (2014, p.60): “é dar aos pais instrumentos e oportunidades concretas e visíveis, que lhes permitam refletir, legitimar e dar significado ao protagonismo, as competências apresentadas por seus filhos”.

Isto antes de iniciar o processo de adaptação da criança, iniciando, sim pela família que irá trazer sua criança, já conhecendo os espaços e os processos da escola, as preocupações das professoras, a dinâmica, tudo segundo o autor, através de uma conversa dinâmica, visitas guiadas, explicações necessárias para que todos conheçam e entendam a organização escolar com relação aos espaços e suas funções. Dessa forma, acredito que o processo com a criança seria muito mais tranquilo, com menos choro e mais rápido sem sofrimento para nenhuma das partes envolvidas.

Mas para que isso seja possível e preciso refletir sobre o assistencialismo, que ainda está presente no discurso e na prática cotidiana.

2.3 CARTA 3 – MARÇO/2016

Hoje escrevo nesta imensidão de linhas para dividir sentimentos que ainda, não posso dividir com ninguém, pois não posso correr o risco de ser mal interpretada, mas preciso sim desabafar. É dolorido pensar pensamentos o tempo todo sem

ter com quem se fortalecer naquilo que pensamos e que preenche nossa mente. Talvez eu não tenha entendido que o mundo da gestão seja solitário ou então não tenha entendido que as coisas são assim, como são...porque são.

Esta tarde dediquei para a formação da coordenadora, que nunca coordenou, mas está cheia de desejo de aprender, com desejo ardente de conhecimento, de desafios. E nada mais desafiador para ela do que conhecer outras realidades, outras formas de organização que se aproximam muito daquilo que sonhamos. Por ter trabalhado neste lugar, marquei um encontro com a coordenadora de uma escola, que é uma referência na nossa região pelo consistente trabalho e capacidade de organizar pedagogicamente um grupo de profissionais da educação.

Foi um encontro para matar a saudade, daquele tempo em que o sonho era tão intenso quanto um revoar de pássaros e nos arrebatava de paixão pelo desafio proposto. Queria sim, sentir isso novamente, sentir a potência de um grupo que acredita ser capaz de voar junto.

Me senti potente mais uma vez, o sorriso não me saia do rosto e sentia meus olhos queimarem a cada sala que entrava, em cada registro que via e a cada criança que falava comigo contando o que estava fazendo. Minhas borboletas revoavam dentro da minha cabeça.

Depois me senti estranha, com vergonha de não ter promovido a mudança tão sonhada, claro que estamos no início, eu sei...só não sei explicar que sentimento é esse.

Quem são os adultos que fazem a escola acontecer?

O que há de diferente na postura, no jeito de falar e até de se movimentar?

Quem é o centro do processo numa escola e noutra?

Quem é a voz das crianças?

Sim, eu sou parte disso, sou parte de tudo o que faço e do que deixo de fazer.

Se a escola anda é porque caminho junto, mas se procuro estar lado a lado e ainda assim ele parar?

Estarei eu no lugar certo? O que sou neste processo?

Ver aquela escola andando com 120 crianças brincando juntas, misturadas pelo pátio, com professores cuidando de todos sem perguntar se era 'dela ou de outra professora, brincando com areia e água ... DOEU!

Doeu perceber a distância de compreensão, entendimento e postura.

Doeu o medo de não conseguir firmar um grupo em direção ao aprendizado de que toda criança é potente e pode ser verdadeiramente potente e autônoma, que todo professor pode aprender um novo jeito de ser profissional, com comprometimento, vontade, seriedade para compreender o que este tempo dentro da nossa escola pode significar na vida da criança.

Eu não sei as respostas, mas quero conseguir pensar um jeito de me tornar uma ponte entre estes dois mundos, porque eu preciso ser a mudança que um dia eu possa ver. Tenho buscado um olhar atento, acompanhamento, transmitir segurança. Não quer a cobrança que força. Como isto tudo é complexo.

Escrevo para desabafar e para registrar o que se passa na cabeça de quem nunca foi gestora e hoje está neste lugar de administrar a escola e os recursos humanos. Estes registros ainda me servirão de base para descrever e refletir o percurso e a forma de caminhar. Agora preciso ser paciente e compreender que ainda não sei o eu esta experiência significou para a coordenadora, mas para mim foi intensa e agora o tempo irá me ajudar a ler o relato de uma experiência que ainda irei registrar.

Minhas borboletas precisam se corporificar e ganhar corpo, vida para espalhar sementes de sonhos!

Estas perguntas me fizeram pensar, passado a angústia e a euforia, me dou conta que tudo gira em torno de uma concepção de criança. Encontrei alento nos escritos de Fortunati e queria muito que:

[...] a ideia de começar o reconhecimento e a valorização do protagonismo das é, por tanto, somente a “decisão” inicial; o resto deriva dela. O protagonismo das crianças – vamos começar por ele – vem da nova imagem de criança tão intimamente ligada à pedagogia de Malaguzzi-, a qual a reconhece como um sujeito “rico”: significa uma criança que é competente e curiosa, sociável e forte, e ativamente engajada na criação de experiências e na construção de sua própria identidade e de seu próprio conhecimento. (FORTUNATI, 2014, p 20).

Se estas palavras pudessem ressoar e tocar a todos...

Quantas possibilidades se descortinariam a nossa frente? Desde a escolha das palavras para falar com a criança aos movimentos corporais..., quantas escolhas poderíamos realizar?

Penso na riqueza do que diz Oliveira:

O professor precisa aprender com as crianças a valorizar a brincadeira, a imaginação, o sonho, a fantasia, as possibilidades ambientais, nas organizações sociais e na vida, nas trocas com as famílias e profissionais de outras áreas para fazer diferente o que é tradicional com vistas à criação de um modo de vida com mais qualidade e bem-estar. (OLIVEIRA, 2012, p.358).

Incorporar o entendimento de que é na interação com a criança que aprendemos a conviver com crianças, que ao considerá-las potentes é que enxergaremos suas potências, e que compreender que o deslocamento de olhares, não significa “humilhar-se e descer a até a criança” porque não estamos ‘a cima’ delas, apenas somos mais altos porque somos adultos. Com olhos de ver poderemos compreender a grandiosidade de estar no mesmo nível das crianças, de poder olhar nos olhos para conversar. Penso que conhecimento e humildade andam de mãos dadas!

2.4 CARTA 4 – ABRIL/2016

Estou escrevendo para dividir com vocês e com estas folhas de papel, os pensamentos que borbulham em minha cabeça e não me permitem pensar em qualquer outra coisa.

Tenho pensado muito na escola em que trabalho, na qual fui professora por dois anos e agora estou na gestão como Diretora deste educandário. Tento olhar

para essa escola sob diversos ângulos, com diferentes lentes para compreender o que ela é na sua totalidade.

Ela, a escola, é um local aconchegante, e como dizem as crianças do Maternal 2: -“É gostosa”. Concordo com essas crianças de três anos que definem assim a sua escola. Temos um pátio ‘gostoso’, com turmas gostosas com número adequado de crianças, em fim uma escola com possibilidades ‘gostosas’ de interações e vivências. Uma escola cheia de potência, com profissionais adultos que estudam, divergem, conversam, estudam refletem, tentam novamente. Tudo para dar certo. **Mas por que algumas não conseguem ainda enxergar a gostosura de uma interação face ao ordenamento mecânico de algumas atividades?**

Temos aqui uma realidade específica:

Com todos os professores trinta horas (30h) semanais, que é o sonho de qualquer gestor, pois os professores tem uma hora (1 h) diariamente para falar, conversar, trocar ideias, combinar, planejar, registrar conjuntamente as ações pedagógicas da turma;

Turmas com número ideal de crianças sem superlotação de crianças, o que possibilita a qualificação da ação pedagógica;

Espaço externo com muitas possibilidades de interações, área verde para ser explorada;

Pais que não reclamam e não se opõem as brincadeiras com terra ou com areia;

Claro que nem tudo é perfeito, e que a escola também tem necessidades como a falta de uma área coberta para brincar nos dias de chuva, falta-nos uma sala para planejamento, pois os professores não têm onde sentar de maneira confortável para trabalhar. A cada dia tentamos suprir de uma maneira, mas penso que é chegada a hora de suprir estas demandas e estamos buscando apoio para conseguirmos resolver estas situações. Pois como gestora, isto realmente me preocupa.

Entretanto, como gestora, também não posso ficar paralisada focando apenas no problema. **É necessário que eu assumo uma posição de focar a solução, até porque, a vida não pára porque não temos algo perfeito. Ao contrário, os dias se seguem nas suas mesmas vinte e quatro horas, por isso é tão importante focar na potência. Identificando-as a cada dia vivido e a cada situação problema enfrentado.**

Então, uma das potências que não podem ser ignorada é a carga horária semanal das professoras. Lembro que no ano anterior, quando professora do Maternal 2, eu sofri muito por não ser a referência da turma, uma vez que compensava as horas do curso de Música, (eu era a única professora representando a escola a fazer o curso promovido pela secretaria de Educação).

O que fazia com que me afastasse da escola no meu horário de planejamento e diminuía o meu tempo na escola com as crianças e no convívio dos outros professores. Minha auxiliar era trinta horas, então ela era de fato, a referência para as crianças. Graças a Deus, a do segundo semestre era muito boa e compartilhava comigo de alguns conceitos básicos de participação, interação, organização, autonomia e tinha o brincar como base na sua formação.

Neste ano, olho para as salas e vejo todas as professoras com a mesma carga horária das auxiliares, o que as coloca em igualdade de tempo com as crianças. Penso que isso dá uma nova visão das coisas, logo todas as professoras serão referência para suas turmas e para suas auxiliares também. Terão tempo para conversar entre si e isso irá potencializar o trabalho.

Desta forma organizamos os 30% da carga horária em planejamento, sendo um turno de seis horas, 4h no período do meio dia para que todas as professoras se encontrem diariamente e potencializar as ações interturmas.

Mesmo não tendo um espaço específico, estamos utilizando o refeitório da escola, que sem dúvidas, não é um local apropriado, mas que serve a esse fim a

14 anos. **Mesmo assim é possível perceber um estranhamento pra iniciar, parece que não há uma cultura de conversar teoricamente sobre os fazeres.** Sinto uma competição [...] eu já sei [...] faço isso há 15 anos. **Como se fosse vergonhoso ter dúvidas, apenas as professoras E e F parecem se abrir e pensar que não sabem tudo.**

É algo a ser trabalhado, com calma, boa metodologia, muitas estratégias de sensibilização, afinal é a segunda semana de trabalho.

Ressignificar saberes..., caminho complexo!

2.5 CARTA 5 – ABRIL/2016

Estou mais uma vez a desabafar no papel. Tivemos duas semanas de arrebrantar os nervos de qualquer pessoa. Mas, mesmo abaladas o grupo permanece, eu e a coordenadora temos nos esforçado para dar ao grupo, diversas formas de suporte, físico e emocional.

Por conta das demandas jurídicas não estou conseguindo acompanhar os planejamentos e demos um tempo para as professoras para descansar a cabeça e espero que tudo se resolva o quanto antes.

Existem fatos que desmontam todas e quaisquer teorias. Irei aprender. Iremos aprender e seremos mais forte como grupo, mais convictos do trabalho e de tudo que podemos vir a ser.

Agora preciso dormir, ninguém resiste a noites seguidas sem dormir.

Eu não tinha ideia do que é um processo criminal, estou acompanhando tudo que envolve a escola e a professora acusada para que nenhuma injustiça aconteça por negligência da minha parte. Não domino o campo do direito civil e criminal e isso tem exigido tempo para leituras, para conversas com o advogado. Então é hora de aprender, de priorizar coisas em detrimento de outras...

Sinto-me frustrada por deixar de lado o pedagógico, mas é hora de lançar mão de estratégias para organizar, reestruturar o grupo. Hora de motivar o cotidiano..., hora de trabalhar com o corpo e com a mente. É difícil, cansativo, mas não iremos desistir.

2.6 CARTA 6 – ABRIL/2016

O ritmo da escola [...] Ontem a escola estava mágica, havia um ar de empolgação, preparação para algo especial, as professoras estavam preparada para receber as famílias, pensando e refletindo sobre o que cada turma irá mostrar. Este processo de pensar sobre o que as escolhas dizem da base conceitual de cada professor, até o questionamento da professora F – “Pessoal, temos que pensar no que as famílias querem ver, qual o interesse delas?”

Esta fala nos aponta para no mínimo duas questões pertinentes: o deslocamento de olhares e a organização do percurso reflexivo.

Na primeira questão, fazer o **deslocamento do olhar** e da postura de que o professor é quem decide, e é ele que sabe o que quer ou vai mostrar para as famílias para um olhar de se colocar no lugar da família e imaginar o querer ver e saber sobre o seu filho, sobre o que vivem na escola é de fato o estabelecimento do processo de descentralização do professor para conceber a criança como foco principal do trabalho. É o primeiro indício de que a professora está num caminho em direção de compreender a criança como protagonista do processo de ensino e aprendizagem. Conceber uma ideia de criança a partir do que pontua as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, enquanto:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Na segunda, pensar o processo de pensar reflexivamente, significa compreender como as professoras organizam seus pensamentos. Quando pensam em o que mostrar, porque mostrar isto é refletir a escolha, ora justificando, ora avaliando a escolha. Dentro da conversa no grupo, perceber que estes atores estão imbricados na discussão, buscando de fato - “pensar o melhor” – que segue, estruturando a argumentação, buscando suporte teórico - “Tá, mas não tem um livro pra gente ler?”

Parece-me claro, que ela entende que suas escolhas refletem sua conceituação teórica e que as famílias conseguem ler isto. Então como o professor pode se expor fazendo uma escolha que não esteja pautada nos fundamentos da educação que embasam o Projeto Político Pedagógico da escola?

No entanto é claro que este processo não se dá de forma homogênea com todos os professores. Como contraponto, enquanto refletíamos sobre as organizações da noite a professora fez o seguinte relato:

“(...) eu achei uma atividade muito legal, ela dava pêra (fruta), para todas as crianças, elas experimentavam e daí todo mundo ganhava tinta verde, no outro dia era melancia e ela dava tinta vermelha e era uma nutricionista.”

Que teoria de aprendizagem permeia este relato? Qual a concepção do papel do professor e da criança? Protagonismo de quem? Assusta-me pensar que este relato surja mesmo depois de dois anos de formação e me pergunto, o que no processo de formação desta professora destoou dos outros? Como explicar um percurso de formação, no contexto da realidade da escola que chega a pontos tão distantes? Como avançar se não há uma fala refletida na sua própria condição de aprendente da arte de ser professor? Como ensinar o caminho da reflexão no cotidiano da escola

Todas as turmas se organizaram, colocaram suas produções nas vitrines de suas salas, alguns explorando mais outros menos. O fato é que as salas estavam lindas e as famílias amaram ver, andar pegar. Algumas turmas prepararam brincadeiras, outra intervenção e outra atividade. Mas as famílias participaram, espiaram as outras turmas, olharam o que se passava. Conversaram com as professoras, tiram dúvidas, foi um espaço privilegiado de encontro, de conhecer um pouco da família de cada criança.

Mesmo com todos meus questionamentos e a minha expectativa acerca da produção de cada turma, tenho plena convicção de que valeu a pena ter conversado, questionado cada proposição das professoras e da coordenadora, foi uma oportunidade de aprendizagem de cada ator e atriz em busca de construir uma cena em parceria, tendo a criança como protagonista com todas as suas linguagens como contava Lóris Malaguzzi :

Ao contrário, as cem existem.

A criança
 É feita de cem.
 A criança tem
 Cem mãos
 Cem pensamentos
 Cem modos de pensar
 De jogar e de falar.
 Cem sempre cem
 Modos de escutar
 as maravilhas de amar.
 Cem alegrias
 Para cantar e compreender.
 Cem mundos
 Para descobrir.
 Cem mundos
 Para inventar.
 Cem mundos
 Para sonhar.
 A criança tem
 cem linguagens
 (e depois cem cem cem)
 Mas roubaram-lhe noventa e nove.
 A escola e a cultura
 Lhe separam a cabeça do corpo.
 Dizem-lhe:
 De pensar sem as mãos
 De fazer sem a cabeça
 De escutar e não falar
 De compreender sem alegrias
 De amar e maravilhar-se
 Só na Páscoa e no Natal.
 Dizem-lhe:
 De descobrir o mundo que já existe
 E de cem
 Roubaram-lhe noventa e nove.
 Dizem-lhe:
 Que o jogo e o trabalho
 A realidade e a fantasia
 A ciência e a imaginação
 O Céu e a terra
 A razão e o sonho
 São coisas
 Que não estão juntas.
 Dizem-lhe:
 Que as cem não existem
 A criança diz:
 Ao contrário, as cem existem.

LORIS MALAGUZZI

Quantos olhares há num poema? Quantos conceitos se podem exprimir de forma poética? Quanta sensibilidade é preciso para entender 'do que estamos falando'?

Como tirar a ‘casca’..., aquilo que cobre e esconde a porção humana de cada profissional da educação para que possam ser tocados pelo que há de mais puro e humano em uma criança?

O que fazer para que pré-conceitos antigos, assumidos sem uma reflexão verdadeira continuem castrando as linguagens das nossas crianças?

Tenho vontade de gritar este poema, com uma intensidade tão grande, quanto fosse capaz de rachar e fazer cair por terra essa ‘casca’.

Mas quem e o que sou eu? Não sei, tenho que pensar...

2.7 CARTA 7 – JUNHO/2016

Hoje volto às cartas, passei quase de 30 dias sem escrever, pois os dias ganharam um colorido gostoso, as interações começaram a acontecer nas turmas das professoras B, E e F, Não sei como explicar a professora A tem faltado por questões de doença e quando a coordenadora assume a turma as interações são intensas e ricas nos mais diversos aspectos. Acredito que as professoras C e D logo irão perceber o quanto é bom viver no mundo das interações.

Quando a leveza tomava conta do ar, o inesperado aconteceu, uma colega auxiliar do M2, faleceu e doeu em todos. Foi triste e penso que até, estúpido, mas precisei aprender, como uma diretora lida com a morte. Pela primeira vez ouvi os relatos sobre ser e não ser valorizada, sobre o que vale ou não a pena e percebi o grupo mais frágil do que nunca. Pensei muito para dar os passos certo em direção do pós luto, que precisa ser vivido sem ser arrastado ou sofrido para além do que é saudável. A coordenadora se mostrou forte e sensível ao mesmo tempo. Formulamos as estratégias para mostrar o quanto são importantes na escola, e aos poucos fomos retomando o ritmo da escola. As famílias se mostraram solidárias e deram muito apoio. Ajudando a mostrar o quanto são queridas, reconhecidas pelo trabalho e que serão sempre parte da vida de cada criança.

E chegou o momento de falar sobre o que queremos para nossa escola e que cotidiano queremos e iniciamos um projeto Institucional, para experimentar e depois, quem sabe, colocar no PPP da escola. Passamos a semana toda conversando e vendo possibilidades, vendo conceitos, aprovando e desaprovando, buscando a diferença ou os sentidos das palavras para entender o que colocaríamos no papel. E iniciamos assim:

ESCOLA MUNICIPAL INFANTIL INDEPENDENCIA:
Um Lugar de Brincar, Aprender e se Desenvolver.

Pensar uma instituição escolar para crianças pequenas de 01 a 03 anos, requer a reflexão sobre todas as ações e espaços que permeiam processos educativos, desta forma é preciso olhar esta escola, que tem uma história consolidada de atendimento as crianças.

Ao olhar a E.M.I. Independência enquanto espaço físico que se proponha a desenvolver e possibilitar que as crianças vivam a infância em toda completude de fundamentos e princípios, precisamos retomar, olhar e refletir sobre a Proposta Politico Pedagógica do Município de Ijuí (Tempo e Espaço de ser criança) que diz:

[...] A concepção expressa neste documento considera que a Educação Infantil deve constituir-se em um espaço onde a criança possa ter acesso a diferentes experiências socioculturais, por meio das quais amplia o desenvolvimento de sua capacidade de expressão, pensamento, interação, comunicação. Não mais sendo vista apenas, como um período de recreação, cuidados e preparo para etapas futuras, caracteriza-se como espaço/tempo de vivências do respeito e da consideração pelas diferenças individuais, culturais e sociais. (SMED, 2014, p. 7).

Desta forma não podemos simplesmente olhar a escola sem um deslocamento de olhares a fim de torná-la de fato, um local que privilegie o brincar e respeite a infância. Se pensarmos em espaços físicos e ambientes de aprendizagem, precisamos honestamente refletir sobre o que está sendo proposto e efetivado.

Este viés requer um olhar sensível honesto e acima de tudo crítico e ponderado, buscando o embasamento teórico que seja capaz de dar conta das necessidades e proposição da infância, sobre tudo em tempos digitais sem jamais desconsiderar a história de vida de cada criança.

Daí, a importância de se propor um projeto institucional embasado nas interações e nas vivências que privilegiem o brincar como fundamento básico, de todas e quaisquer aprendizagens. Projeto este gestado pelo grupo e se efetiva cotidianamente, passível de erros e acertos, mas sempre pautado na avaliação pela reflexão.

Com o objetivo de efetivar-se como uma escola de crianças pequenas, tendo a criança como protagonista e o professor provocador de vivências e interações, capaz de realizar o deslocamento de olhares e a escuta sensível, para refletir suas ações.

Focando nos eixos curriculares do brincar e as Interações.

Partindo do pressuposto de uma avaliação constante, pela via da reflexão e de caráter mediador das ações futuras, tendo o professor e a equipe de gestão atenta a todas as fases do processo, penso que é chegada a hora do resgate, e me inspiro na obra de Manoel de Barros para alicerçar os próximos passos:

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Manoel de Barros

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Só uso a palavra para compor os meus silêncios.

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que as dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.
 Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
 Porque eu não sou da informática:
 eu sou da invencionática.

Mais uma vez, fui buscar na poesia e na sabedoria de Manoel de Barros, alento, motivação, sensibilidade para descrever o turbilhão de sentimentos. Se pudéssemos **todos** olhar e valorizar o que é pequeno, mas não desimportante, nem menos belo, ou menos valioso por causa do tamanho.

Ciclos, tempos, fases. Tanto faz como nomeamos, o que muda é o que sentimos e como nos transformamos ou nos ressignificamos a partir do que vivemos. Creio que não existem experiências velhas, pois todo novo acontecimento é novo, com novos contextos, novos jeitos, novas formas.

Preciso que os pensamentos pensem na vida e em como se constituem, pois a dor também me atravessa, mas não fica, porque ainda preciso 'apanhar muitos desperdícios'.

2.8 CARTA 8 – JULHO/2016

No tempo de um café...

Parece estranho iniciar uma carta com esta frase, mas logo poderão compreender porque é tão apropriada.

Hoje, logo pela manhã, após organizar alguns documentos, organizar a equipe para suprir a falta de uma profissional, passar a agenda do dia, atender duas ou três famílias, decidimos parar para tomar um café e dar um descanso para a cabeça.

Foi neste tempo de parar um pouco e pensar no volume que daria a xícara, que ouvi, da secretária a frase que motivaria o meu dia...

“Trançar ideias iguais é bonito, mas trançar ideias diferentes é um desafio fantástico!”

Fantástico é perceber que a reflexão que ela teceu para explicar sua frase, com um misto de vergonha, medo, ansiedade, alegria por ter falado me deixou atônita. E prosseguiu dizendo “É o que vocês, em quanto gestão estão propondo, desde o primeiro dia e a gente, muitas vezes não entende, mas quando se vê como as pessoas pensam, o que muda e o que não muda e tudo que poderia mudar, e seria melhor para todo mundo, principalmente para as crianças.”

Nossa! Tudo que ela traz de uma forma simples é realmente profundo, pois este aprender a trançar ideias é complexo e não tem receita.

Esta secretária, não possui qualquer formação pedagógica e no entanto tem se encantado e participado de todas os momentos de formação, de tudo que pensamos, propomos, sonhamos, desafiamos, conversamos, do que vivemos.

Então percebo como as **aprendizagens são intensas e imprevisíveis e que elas podem acontecer no tempo de um café.**

Preciso tomar mais café, dar mais tempo para a cabeça, compartilhar de conversas com as diferentes pessoas que compõem o coletivo da escola.

Quando paro para pensar e procurar onde fica a essência que nos permite enxergar para além do que está na superfície, para aquilo que de tão simples chega ser complexo, aquilo que preenche, aquilo que é. Exercitar isso ao olhar as cenas do cotidiano infantil, quer seja um recorte de uma brincadeira, de uma conversa fluida entre as crianças ou um olhar interessado em desvendar um objeto, é possibilitar o exercício de encontrar a essência do pensamento infantil.

A delicadeza do olhar, a sutileza da ação docente é de uma riqueza imensurável, pois pede, chama, a essência do professor para que o encontro possa acontecer. Penso que é disto que estamos falando, embora muitos educadores ainda não estejam prontos para conceber a sua própria essência, então, como poderiam perceber a do outro? Como perceber a essência de um infante, quando não se consegue perceber ele enquanto um ser potente?

Mais uma vez, não sei responder, ainda me proponho a pensar enquanto, nestas linhas, faço a narrativa sincera de meus pensamentos.

2. 9 CARTA 9 – JULHO/2016

Hoje, escolho o desabafo.

Tudo que fazemos na escola é lido, constantemente por pessoas que passam na rua, familiares que passam pela rua e ‘olham’ a escola. Muito temos falado sobre como nossas ações são interpretadas e de como **podemos comunicar, com o corpo, as nossas intencionalidades.**

Fico constantemente em dúvidas sobre falar ou não falar, chamar para tentar conversar ou dar o tempo para que descubram por si só.

Penso que a gestão, por alguns períodos é cargo de silêncio. Não podemos exigir muito quando se trata de funcionários públicos. Fico realmente confusa em encontrar possibilidades de avançar.

O desafio de instigar, motivar, desafiar constantemente, nos causa um desgaste, um cansaço.

Será que é este o caminho? Tenho lido, por indicação da minha orientadora, textos lidos, de realidades que levaram entre 30 e 50 anos para se efetivarem e constituírem-se metodologia, produzindo conhecimento teórico sobre seus fazeres e serem reconhecidos pelo trabalho.

Como encontrar um jeito do Brasil ou do Rio Grande do Sul fazer educação e ser excelência na educação de crianças pequenas se ainda não temos maturidade profissional para avançar?

Se as borboletas da minha cabeça pudessem voar e fazer de toda pessoa que trabalha em uma escola, um apaixonado pesquisador de infâncias e pudéssemos acompanhar, conversar, relatar as curiosidades e achados, distantes de qualquer forma de vaidade ou egoísmo. Nossa! faríamos uma revolução.

Sei que de alguma forma, deves estar rindo e falando em sonho e utopia.

Eu sei, mas se Reggio Emilia, San Miniato, Minho existem é porque alguém sonhou e soltou suas borboletas.

Sim, eu ainda consigo sonhar e quero ser assim por muito tempo, não quero ser uma diretora depressiva que só funcione com remédios!

Pois quando me encontro com as palavras de Malaguzzi me sinto acolhida e de certa forma elas me confortam:

Sei perfeitamente qual força do amor força as coisas, as palavras, os cansaços e as inteligências em direção a uma iniciativa que colocando o coração ao lado do pensamento, honra San Miniato, suas escolas e a cultura das crianças. (MALAGUZZI, 1991, apud FORTUNATI, 2014, p.4).

3. CARTA AUTONARRATIVA, ORA, FINAL

Pensar e refletir a caminhada em forma de cartas autonarrativas me permitiu um encontro com aquilo que carrego de mais preciso em mim, o amor pelo processo educativo, pois como escrevi nas cartas, não é um processo fácil, tão pouco simples. Penso que essa complexidade toda e a oferta cotidiana de desafios me provoquem a pensar, a ler, a querer ver e entender. Que coloque na minha cabeça a todo o momento um novo questionamento e me faça perceber que é isso que quero fazer.

E é chegada a hora de pensar e registrar a avaliação do percurso. Muito mais do que olhar o caminho, me proponho a refletir a forma de caminhar e construir o percurso, pois ao tecer a história olhando os registros deste processo de nove meses como gestora e dos quase três anos no Curso de Especialização, percebo que o registro escrito, fotográfico – ainda que eu não tenha feito uso das imagens neste trabalho de conclusão de curso - foram muito importantes, não para apontar erros e acertos, mas acima de tudo para refletir como constitui percurso e como se deu esse processo autonarrativo. Walter Benjamin(1994, p.37) em sua obra o Narrador nos provoca a refletir que: “[...] o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração.” Pois ainda, compartilhando de suas próprias palavras: “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois”, este narrador enriquece sua existência solitária e monotemática às custas do universo ilimitado que é o das recordações. Ao narrar, revela o seu esforço em construir uma narrativa árida, pautada na interpretação do passado, o qual é salvo do esquecimento. Se, por um lado, a empresa do Filho em resguardar.

Cada passo dado em alguma direção carrega os conceitos, as marcas do vivenciado e de tudo que nos atravessa, que passa a ser parte – quase física – daquilo que nos constitui, daquilo que passa a ser parte do que realmente somos.

Percebo que é possível acontecer mudanças e que o processo para que aconteçam perpassa a dor de se desconstruir, como quem quebra um casco e precisa suportar o tempo da cicatrização e se perceber potente novamente, assim como uma folha embranquecida que gentilmente acolhe uma nova história.

O meu processo de aprender a utilizar estratégias para tornar visível a aprendizagem das professoras precisa se ampliar na base conceitual, penso que estudar João e Julia Formosinho, Lóris Malaguzzi seja uma necessidade e neste percurso encontrar outros teóricos que possam me auxiliar a dialogar com fluidez. Para que possa tornar este processo visível preciso que saibam que cada uma pode aprender e que é de fato muito bom para todos, em todos os sentidos.

Compreender como o professor aprende pelo viés da ludicidade é um desafio para tecer uma teia de estratégias para que o docente se encontre enquanto protagonista do seu processo de aprendizagem. E eu ainda não sei fazer isso...

Ter iniciado este curso foi fundamental para pensar a escola que queremos ter e fazer, como estaremos e seremos nos próximos 10 anos. Não queremos um modelo para implantar aqui, queremos uma abordagem para estudar problematizar e então decidir o que faremos aqui.

Penso hoje no futuro muito mais intensamente do que já pensei e tudo o que tenho aprendido é pouco para projetar o futuro da educação na minha cidade. Agora sei que quero e preciso estudar mais, ter com quem conversar e refletir é tão necessário que chega a ser vital no processo de avaliação de percurso. Cada carta autonarrativa que constituiu este processo será, em tempo, revisitada, para que eu possa 'olhar' como quem olha uma fotografia o registro de cada recorte grafado nestas folhas de papel. Cada recorte é único, narrado de um jeito a partir de um ponto de vista, de uma intencionalidade, que neste caso, tratou-se de refletir o caminho do constituir-se gestor.

Para que tudo possa se transformar em novos caminhos, com novos jeitos de caminhar. Nesse momento já sou capaz de dizer que faria muitas inserções diferentes, pois neste trajeto, amadureci profissionalmente, constitui e ressignifiquei minha história e meus conceitos.

Vou encarar mais um ano de gestão, procurando aplicar, ponderar e refletir sobre tudo que vivi, aprendi e que fará parte do meu exercício de comprometimento com a função na mesma intensidade que vivenciei os primeiros.

REFERÊNCIAS

- APEI, Associação de Profissionais de Educação de Infância. **Cadernos de Educação de Infância nº86 Abr/09**. Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância, 2009. Disponível em: <http://apei.pt/upload/ficheiros/var/C%F3pia%20de%20CEI%2386.pdf> Acessado em: 06/05/2016.
- BENJAMIN, Walter. **O Narrador: Consideração sobre a obra de Nikolai Leskov.** , In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. SP: Ed Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação. Jan/fev/mar/abr, 2002.
- BUSATTO, C. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**, 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. 36 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em 10/07/2016.
- EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artemed, 1999.
- FORTUNATI, Aldo. San Miniato e a educação das crianças. A história, os dados e os conceitos-chave. In: FORTUNATI, Aldo. **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças**. Centro de Pesquisa e Documentação sobre a infância: La Bottega de Geppetto. San Miniato, Edizioni ETS, 2014.
- LIMA, Claudia Neves do Monte Freitas de; NACARATO, Adair M. **A investigação da própria prática: mobilização e apropriação de saberes profissionais em Matemática**. In: Educação em Revista, Belo Horizonte, v.25, n.02, p.241-266, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/11.pdf> Acessado em: 25/08/2017.
- LIZOT, E. J. **Gestão Escolar: olhares, abordagens e propostas**. In: Gestão escolar: diferentes olhares. Departamento pedagógico – SMED -IJUI, Fênix, 2015.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (Org.). **A Supervisão na Formação de Professores I. Da Sala à Escola**. Porto: Porto Editora, 2002.
- OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Instrumentos do professor para aprimoramento do seu trabalho**. In Oliveira; Zilma Ramos. (Org.). O Trabalho do professor na educação Infantil. São Paulo: Biruta, 2012.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emília**: escutar, investigar e aprender. Tradução Vania Cury,- 2 ed, São Paulo: Paz e Terra, 2014.
Acessado em 27/08/2016 <http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/conversacom.pdf>.

SMED, IJUÍ, RS. **Proposta Curricular Tempo e espaço de ser criança**: Educação Infantil. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Pontes e muros: pesquisa narrativa e trajetórias (auto) biográficas**. In Souza; Elizeu C. de ; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza.(orgs). Memória, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012. Coleção pesquisa (auto) bibliográfica: temas transversais

ZINGONI, SARA. Ser protagonista desde o início. As crianças e a experiência do nido. In: FORTUNATI, Aldo. **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças**. Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo possível. Centro de Pesquisa e Documentação sobre a infância: La Bottega de Geppetto. San Miniato, Edizioni ETS, 2014.